

Fragmentos - XX



Por **AIRTON PASCHOA***

Cinco peças curtas

[bico do corvo]

Faço saber, a quantos interessar possa, que passei a vida ouvindo-o dizer que estava no bico do corvo... Não que não fosse saudável ou esperasse a morte iminente; era simplesmente o bordão que o livrava dos compromissos, dos corriqueiros aos domingueiros, como visitar o irmão que morava perto; simplesmente o modo de declinar de todo convite; de dizer que não podia; que quem sabe outro dia. Talvez intuía que o corvo podia bicá-lo a qualquer instante e em qualquer lugar, e nessas horas era melhor estar em casa, sabe Deus, não sei. Sei apenas que à curva negativa, saborosa em sua crueza local, e decerto cultivada pelo velho tronco caipira desde tempos imemoriais, melhor dizendo, coloniais, à negativa curvilínea, preciosa, e que levei uma vida pra compreender, correspondia o sonso sorriso da descendência... e da condescendência, que importava? pois o fato é que não dava a menor bola, des'que não o amolassem, o deixassem em paz, isto é, em casa. E lá ficava ele, à espera do corvo, ao passo que a mulher saía de bico, primeiro com as crianças, depois sozinha, quando entraram a crescer e fazer coro com o pai. Isso não me exime da culpa de tê-lo visto pouco, quando realmente andava no bico do corvo, mas tenho pra mim que entendia como ninguém o primogênito, nascido também atacado ao pé do solar sombrio e que não tem feito senão cismar no que cismava ele entre uma bicada e outra, ele que não conheceu homens nem deuses e guardou unicamente pra si o fogo que porventura o animava.

A bezerra de ouro

Pensando na morte da bezerra...? largava de passagem a pergunta reticente, sempre que nos via cismando a um canto. Só bem mais tarde, já adulto e estudado, pude estimar o que de impacto podia representar o funesto advento na vida de um sitiante pobre, como o fora o Pai e o Pai do Pai e o Pai — dera o fora, enfim, apenas com a mala e o anátema no lombo. De sitiante a sitiado não tirou a sorte grande na cidade grande, igual gazeteava a rima fácil, e nada pôde nos deixar, pra desgosto seu, exceto a cisma cansada e a expressão poética, tão perene quase quanto o bronze do Poeta. Pois, pensando bem, não fiz outra coisa na vida a não ser pensar na morte da morte da bezerra.

Geminado

Gemia baixinho... intermitente... horas a fio. Que foi? não tá passando bem? tá doendo alguma coisa? E o velho replicava ao meio entendedor quebrando o pulso no ar perto da orelha, como a afastar pernillongo. E tá gemendo por quê? — Porque é bom.

Quem dera, do fundo do coração, repetir alto e bom som: toda vida condensa uma verdade, — implícita ou explícita,

manifesta ou inconfessa verdade. Sobre justificá-la, salvava o belo lugar-comum que desencavou esta terra. Mas não tenho idade pra sofrer desmentido. Era maluco o gemebundo.

Em todo caso, vezo ou vício, tive de reconhecer, obra do tempo maroto, que não há conforto igual gemer baixinho. Não evoca poesia a canção de dor sem dor, em baixo contínuo? Foi o mais próximo que chegou do filho, hoje velho e geminado maníaco.

Contramão

À Taisa

Enorme, grossa, cascuda, capaz de tapar (e sobrar) a cara do filho assombrada. Soube mais tarde que se tratava da mão de portinari — sem valor algum, porém, sobremodo real, irreal. Foi o único contato que teve com arte. Crescendo o menino, a mão desistiu de assombrar. Obra do tempo, podia alegar, cuja demão tende a decorar, mas encaro a minha, miúda como as letras, e só me cabe chorá-la, incapaz que é de cobrir o rosto.

[jazimigo]

Faço saber, a quantos interessar possa, que mudo de mim que nem todo mundo. Mudo de mim mas persigo escrevendo e sei que não vou muito longe, miseravelmente, fico ali atacado ao calabouço-e-boca do velho tronco de tortura, ciente que tal gesto é do senhor meu genitor, que essoutro pertence à ilustríssima senhora que me pariu, que aqueloutro distingue tal dos digníssimos entes queridos, mal ditas incógnitas, X e Y cromo somos da mesma ditadura genética.

Faço saber, a quem interessar praga, que todo jazigo, desgostemos ou não, é familiar.

**Airton Paschoa é escritor, autor, entre outros livros, de Ver Navios (e-galáxia, 2021, 2.^a edição, revista).*